Um punhal com desenho de sol. Tinha recém completado 50 anos, um emprego estável, respeito social, ainda pagando a própria casa, mas já no último ano. Pensa em beber. Há mais de 10 anos já não bebia, sentia-se só. Mas só era a única coisa que sabia sentir, aprendeu com o tempo a aproveitar a vida na solidão, viajar, andar de moto, de vez em nunca namorar. Achou aquele punhal perdido em uma comunidade na serra do mar quando procurou um local para mijar. O punhal era de metal dourado e prata, ainda afiado e imaculado de sujeira. Um sol e em volta uma serpente, trabalho fino, deve valer no mínimo um bom dinheiro, pensou. Vai embora com um punhal na mochila. E se for de feitiçaria pensa. Provavelmente é, mas o que a essa altura não parece mais sobrenatural na vida, por que o punhal? Por que eu? Por que?

Parado na praça da santa padroeira dos coletadores de café ele pega o punhal e oferece a santa, o punhal sobe em riste no céu na cabeça da santa como se fizesse menção de matá-la.

Godofredo o último gravata pastinha das terras de Mayatusca, abraça a estatua sem saber se quer protege-la ou pedir proteção. Começa a chover grãos de café, mas eles caem com mais violência que uma chuva com efeito normal da gravidade, como se fossem atiradas do céu por um poderoso rifle. Godofredo busca proteção no coreto, um coreto cheio de mendigos, perto deles espalhados por todo lado garrafas, mas seu conteúdo não é álcool, e sim bolinhas luminosas que ao beberem os torna homens sem dúvida, não porque viraram efetivamente homens, mas porque as dúvidas e perguntas não existiam mais em suas cabeças. Godofredo tem medo, de homens que abandonam suas dúvidas e seus medos.

A chuva cessa, o punhal desce um pouco e encosta na cabeça da santa, as garrafas todas explodem por um minuto todos no coreto ficam cegos, toca-se um Saxofone, uma música suave que ninguém ali sabe de onde vem, as bolinhas coloridas espalhas agora por toda praça se transformam em cisnes voadores, mas ninguém vê, voam em direção ao sol como uma nuvem mais densa transformam o dia em noite. Godofredo escala um poste de luz, com sua visão restabelecida, enxerga ao longe o mar que sobe aos céus ultrapassam as nuvens noturnas e desaparece. O mar vira um deserto, deserto de noites. Godofredo pega sua moto e quer saber como chegar em seu fim.